

LORDE, Audre. **Irmã outsider: ensaios e conferências**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

Caroline Serôdio<sup>1</sup>

Audre Lorde tinha dificuldade com a prosa na sua juventude. Isto ela relata na entrevista presente no livro, em que a autora – negra, feminista, mãe, lésbica, professora, pensadora – afirma que, ao longo de sua formação educacional, percebeu que seu processo de raciocínio era diferente do de seus colegas. Ela não se expressava ou se compreendia através de textos corridos, mas sim por poemas. E, dessa forma, se fez poeta. Foi apenas após ser convidada a dar aulas de Inglês para um programa de escrita que Lorde passou a estudar e treinar a gramática e a estrutura textual de prosa. Portanto, seus trabalhos, compilados em *Irmã outsider*, detêm algumas características que perpassam por sua escrita poética: sensíveis, às vezes líricos e, sobretudo, assertivos.

Além de ensaios sobre os mais variados assuntos, a obra conta com transcrições de discursos de eventos e apresentações em congressos, relatos de diários, a entrevista mencionada, uma carta aberta e alguns artigos. Apesar da alternância das modalidades de texto, há uma continuidade em sua obra – seja pela linguagem que utiliza, fluida e acessível, seja pelos temas que são levantados, reforçados e questionados sob diferentes perspectivas. Lorde discorre a respeito do silêncio, da fala, da sexualidade, do erótico, da maternidade, do machismo, do racismo, dos machismos no movimento negro e dos racismos no feminismo branco, da homofobia e da lesbofobia, da homofobia, do feminismo racista, do papel transgressor do emocional nas lutas políticas e da diferença entre pessoas como motor criativo.

O registro de diário que inicia o livro, “Apontamentos de uma viagem à Rússia”, traz uma descrição abrangente de lugares, de paisagens e de prédios da Rússia e do Uzbequistão da União Soviética. Aqui, com uma proeminência lírica, Audre Lorde envolve a leitora em uma narrativa que a aproxima daquilo que sentia e experienciava em sua viagem. Há um reconhecimento pela oposição entre costumes e condutas, e comparações diretas a Nova York e outros referenciais de experiências vividas pela autora, como Gana e Benin. Com um enfoque nas trocas afetuosas com duas mulheres que não falavam inglês, contando com a

---

<sup>1</sup> Mestranda em Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFRJ), com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (Capes), e graduada em Ciências Sociais (UFRJ). É pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero e Sexualidade (NESEG/UFRJ) e do Laboratório de Estudos Digitais (LED/UFRJ). E-mail: carolineserodioaf@gmail.com.

intermediação de uma intérprete, Lorde nos instiga a pensar em como seus corações estariam falando a mesma língua, se conectando por algum aspecto comum de suas identidades, por terem filhos ou por serem minorias raciais.

Em “A poesia não é um luxo”, um de seus mais conhecidos textos, a poeta toma a cena para assegurar que a poesia, para as mulheres negras, é mais do que uma produção, mais do que apenas palavras cuidadosamente selecionadas. É “uma necessidade vital da nossa existência” (LORDE, 2020, p. 47), parte do processo de compreensão de si, nos mais variados, complexos e contraditórios sentidos. Ela dá luz ao incerto, ao obscurecido e ao caos, àquilo que ainda está sendo assimilado em nosso âmago. Em cada linha deste curto ensaio, Lorde reforça o poder transformador do emocional/sentimental, trazendo à tona a insurgência e o desejo por mudança.

Dessa maneira, se a utilização de palavras é necessária para efetivar atitudes, não é surpresa que, para Lorde, de nada vale o silêncio. “A transformação do silêncio em linguagem e em ação” é como um manifesto para todas aquelas que já se calaram pelo medo das consequências e, assim, violentaram a si próprias. A favor do posicionamento como concreto mecanismo de ação, a autora reitera: “Meus silêncios não me protegeram. Seu silêncio não vai proteger você” (LORDE, 2020, p. 52). Expondo o texto para um painel de literatura e lesbianidade, afirma que é por meio da fala e da escuta que se pode reconhecer aquilo que nos aproxima e o que nos afasta.

E nos lugares em que as palavras das mulheres clamam para ser ouvidas, cada uma de nós devemos reconhecer a nossa responsabilidade de buscar essas palavras, de lê-las, de compartilhá-las e de analisar a pertinência delas na nossa vida. (LORDE, 2020, p. 55).

“Para começo de conversa: alguns apontamentos sobre as barreiras entre as mulheres e o amor” aborda a dificuldade estruturada pelo racismo, o machismo e a heteronormatividade para mulheres negras reconhecerem-se umas nas outras como companheiras de uma mesma causa (LORDE, 2020, p. 66). A união por afinidades em vez de uma separação pelos aspectos que se distinguem é um ponto que Audre Lorde reitera em *Irmã outsider* em diferentes momentos. Ela afirma, ainda, que esses aspectos diferenciadores – gênero, sexualidade, classe – não podem ser ignorados, também se devendo compreender como atravessam os indivíduos. E, a fim de um avanço na luta contra o racismo estrutural, esse posicionamento é entendido como primordial pela autora, tanto para homens negros quanto para mulheres negras.

Artigo citado com frequência, “Usos do erótico: o erótico como poder” amplia o debate do que deve ser entendido por “erótico”. Não diz respeito apenas ao sexo, muito menos à pornografia – que Lorde repudia –, mas sim àquilo de mais profundo e visceral do corpo da

mulher, invalidado pelo patriarcado branco. Lorde defende o erótico como mecanismo de retomada de empoderamento feminino, como ferramenta para o entendimento de si, de seus prazeres e vontades, a fim de não se contentar com o mínimo. Olhar para o erótico é sentir em sua completude, é ser preenchida por satisfação e validar o emocional como estruturante de nossas vidas. Pensar no erótico é, para a autora, ser honesta consigo mesma.

Os dois escritos que se seguem no livro, “Machismo: uma doença americana de *blackface*” e “Carta aberta a Mary Daly”, são respostas críticas e diretas de Lorde a produções de dois acadêmicos, respectivamente Robert Staples e Mary Daly. No primeiro, questiona o posicionamento de Staples de culpabilizar as mulheres negras pela masculinidade negra estar supostamente ameaçada, como é defendido no artigo escrito pelo sociólogo negro, “The myth of black macho: a response to angry black feminists”. Lorde aponta, ainda, como mulheres pretas, historicamente, são as que cuidam dos brancos e dos homens e familiares negros, mas pouco cuidam de si mesmas e de suas pares (LORDE, 2020, p. 78). Entretanto, são estas mulheres negras que são acuadas e criticadas pelos seus afetos – em certos casos, custando-lhe suas vidas. É necessário, afirma, que seja discutida dentro das comunidades negras a opressão masculina e a desvalorização direcionada às mulheres pretas, já que “uma opressão não justifica a outra” (LORDE, 2020, p. 80).

“Carta aberta a Mary Daly”, por sua vez, é uma divulgação de Lorde de uma carta que escreveu, em 1979, para Mary Daly – filósofa branca e feminista radical –, após quatro meses sem qualquer resposta. A correspondência surgiu de discordâncias que tinha com o livro recém-publicado por Daly, “Gyn/Ecology: the metaethics of radical feminism”, questionando a autora sobre a ausência de referências de deusas de religiões de matriz africana e do conhecimento de autoras não-europeias na argumentação do livro, juntamente com uma universalização do conceito de opressão patriarcal. Critica também a utilização dada por Daly dos trabalhos de estudiosas negras – incluindo a si própria –, por meio de citações convenientes para seu ponto de vista e apagamento da obra dessas estudiosas para uma ecologia feminista.

Mary, peço que esteja ciente de como isso serve às forças destrutivas do racismo e da desunião entre as mulheres – o pressuposto de que somente a história e a mitologia das mulheres brancas são legítimas e de que é a elas que todas as mulheres devem recorrer em busca de poder e de suas origens, e que as mulheres não-brancas e nossas histórias só são dignas de nota como ornamento ou como exemplo de vitimização feminina. (LORDE, 2020, p. 88).

Audre Lorde escreve “O filho homem: reflexões de uma lésbica negra e feminista” com o propósito de compartilhar e transmitir, ainda que com suas limitações, com outras mães lésbicas e mulheres suas observações sobre a maternidade, especialmente a criação de seu

filho, Jonathan (LORDE, 2020, p. 91). O filho cresceu devendo se encontrar em sua masculinidade a partir do referencial familiar predominantemente feminino, com mães lésbicas e uma irmã. Acima de tudo, as reflexões de Lorde se voltam para os princípios que tenta transmitir ao filho a respeito de seu papel como homem negro na sociedade. A autora demonstra que o papel da mãe é garantir a sobrevivência da criança, bem como dar seu amor, mas garantindo que se torne um adulto desprendido e emocionalmente independente (LORDE, 2020, p. 93). Para a autora, a vulnerabilidade e o sentir podem ser força.

Em “Uma entrevista: Audre Lorde e Adrienne Rich”, Lorde conta sua trajetória como estudante, professora, escritora e lésbica – suas dificuldades, suas oportunidades, seus anseios. Constata que a escrita, sobretudo para autores negros, é uma maneira de sobreviver, não apenas como construção do entendimento de si, mas também como potencial alicerce para uma reconstrução da própria identidade. Na entrevista, também fala a respeito das controvérsias que surgiram após a publicação de alguns de seus textos.

Fala crítica a seu convite para uma mesa-redonda em uma conferência, “As ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa-grande” denuncia os limites da voz de mulheres pobres, negras e do Sul global dentro do cenário acadêmico, que abre margem para suas presenças, mas apenas no espaço delimitado a elas. Seu discurso pontua a hipocrisia e escolha consciente das feministas acadêmicas brancas em invisibilizarem as perspectivas destas mulheres sobre os mais variados temas que concernem o movimento feminista, para além do debate de racismo estrutural. Indaga: “Qual a teoria por trás do feminismo racista?” (LORDE, 2020, p. 138). Assim, Lorde defende o reconhecimento e valorização da diferença com o propósito de incitar a troca e a criatividade.

Tema já expresso em seus outros trabalhos, o artigo “Idade, raça, classe e sexo: as mulheres redefinem a diferença” coloca em foco o entendimento da autora de que é a partir da diferença e da recusa do lugar-comum de aversão a ela que se é possível engajar na luta para mudanças sociais, políticas e econômicas. Audre Lorde nos alerta para o reconhecimento das posições opressoras que possuímos e da necessidade de nos responsabilizarmos por nossas ações e palavras, buscando por nossa própria conta aquilo que deve ser melhorado, aprendido e modificado em nós.

Em outras palavras, é responsabilidade do oprimido educar os opressores sobre seus erros. Eu sou responsável por educar os professores que ignoram a cultura dos meus filhos na escola. Espera-se que os negros e as pessoas do Terceiro Mundo eduquem as pessoas brancas quanto à nossa humanidade. Espera-se que as mulheres eduquem os homens. Espera-se que lésbicas e gays eduquem o mundo heterossexual. Os opressores mantêm suas posição e se esquivam da responsabilidades pelos seus atos. Há um constante dispêndio de energia, que poderia ser mais bem empregada numa

redefinição de nós mesmos e na elaboração de roteiros realistas para alterar o presente e construir o futuro. (LORDE, 2020, p. 142).

Além disso, Lorde ressalta a importância de se ler e estudar pensadoras negras, quebrando com padrões branco-eurocentrados da produção de conhecimento. Deve-se pensar na visibilização de perspectivas que não deveriam estar no lugar de *outras*, e sim de *inclusas*, como também no fato de que essas perspectivas partem de um lugar de dor silenciada, uma violência perpetuada pelo apagamento de suas histórias e da negação do reconhecimento como “pessoas inteiras” (LORDE, 2020, p. 146). Mais do que isso, considerando a maneira com a qual diferenças podem ser utilizadas para o afastamento, escreve sobre a lesbianidade e o auto-ódio entre mulheres negras (LORDE, 2020, p. 150). A respeito disso, Lorde retoma alguns pontos já abordados em “Para começo de conversa: alguns apontamentos sobre as barreiras entre as mulheres e o amor” e reitera o potencial destrutivo que uma concepção heteropatriarcal, de competição por homens e submissão, pode ter no distanciamento de mulheres pretas.

Se sentir é vital para efetuar qualquer mudança, a função da raiva é o operador central em “Os usos da raiva: as mulheres reagem ao racismo”. Nessa apresentação, Lorde argumenta que a raiva ao racismo, à injustiça e ao silêncio pode e deve ser utilizada para transformações no âmbito social, seja na interlocução com mulheres feministas – brancas e negras –, seja na assimilação mútua daquilo que afeta e do que se pode gerar disto. Desse modo, a autora recusa a “culpa”, especificamente a culpa branca, como instrumento, uma vez que parte de um lugar de dita impotência, ou a perpetuação consciente de um sistema opressivo. Afirma, portanto, que “[q]uando damos as costas à raiva, damos as costas também ao aprendizado, declarando que vamos aceitar apenas os modelos já conhecidos, fatal e seguramente familiares” (LORDE, 2020, p. 164).

As figuras de Malcom X e Martin Luther King Jr. e os movimentos Black Power e a favor dos direitos civis foram marcantes para a década de 1960 nos Estados Unidos. “Aprendendo com os anos 1960” relembra as efervescências da década para a luta negra, pensando em suas contribuições, mas também em seus erros. Lorde analisa que há um legado dos anos 1960 para a consciência negra estadunidense, uma energia que moveu o país e a comunidade negra. Essa mesma energia, contudo, também foi utilizada para distanciamentos internos por discordâncias, e a autora ressalta o aprendizado com base nos que vieram antes para redistribuir a potência de vozes para aquilo que lhe é comum: a sobrevivência ao ódio do sistema patriarcal racista. Conscientes do legado de seus precedentes e compreendendo o

papel de cada um na luta de múltiplas opressões, constroem-se pontes e caminhos para um futuro.

A sensibilidade e fluência poética de Audre Lorde se mostram mais evidentes em “Olho no olho: mulheres negras, ódio e raiva”. Alternando entre relatos pessoais, fluxos de consciência, poesias, cartas e questionamentos sem respostas, a autora utiliza as palavras para tentar dar conta do incômodo mais profundo em si própria e em suas pares: a desconfiança, frustração e raiva de mulheres negras com mulheres negras. Marcada pelo racismo internalizado, pela figura da mãe e pelo espelho de si que há em cada mulher negra, Audre nos submerge em seu sentir e ser.

Não amamos a nós mesmas, por isso não podemos amar uma à outra. Porque vemos no rosto da outra o nosso próprio rosto, o rosto que nunca deixamos de querer. Porque sobrevivemos, e sobreviver gera o desejo por mais de si. Um rosto que nunca deixamos de querer, ao mesmo tempo que tentamos destruir. (LORDE, 2020, p. 195).

O último ensaio do livro, “Granada revisitada: um relato provisório”, é, como o primeiro, um relato de viagem, porém, dessa vez, para o país natal de sua mãe. Audre faz a viagem após a invasão estadunidense à ilha caribenha e descreve a situação de Granada antes, durante e depois da invasão, fortalecendo sua utilização da palavra América apenas com letra minúscula (LORDE, 2020, p. 53). Com seus propósitos armamentistas, econômicos, imperialistas e racistas, não há razões para consolidar uma América com “a” maiúsculo, que mascara sua violência ecoando “liberdade”.

Após a leitura de *Irmã outsider*, fica explícita a potência transformadora da obra de Audre Lorde para além da época em que escrevia. Seus incômodos em “Carta aberta a Mary Daly” e “As ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa-grande” atravessam a barreira temporal e espacial, do contexto estadunidense, e nos fazem refletir junto a ela: onde estão as autoras indígenas, pretas e latino-americanas nas ementas das disciplinas de nossas universidades? Serviriam elas apenas para ornamentar uma argumentação, sendo citadas brevemente para que a comunidade acadêmica permaneça na fácil posição de “impotência”? Ou, como adverte Lorde ao final de “A transformação do silêncio em linguagem e em ação”, iremos quebrar com os silêncios que ainda nos restam?

## REFERÊNCIAS

LORDE, Audre. **Irmã outsider**: ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.